



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA

THAMIRES GABRIELE SANTOS DA SILVA

“OS BÚZIOS RESPONDEM”:
simpatias e mirongas (Belém-PA, 1985-1997).

BELÉM-PA

2025

THAMIRES GABRIELE SANTOS DA SILVA

“OS BÚZIOS RESPONDEM”:
simpatias e mirongas (Belém-PA, 1985-1997).

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico, apresentado à Faculdade de História, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Ipojuacan Dias Campos.

BELÉM-PA
2025

THAMIRES GABRIELE SANTOS DA SILVA

“OS BÚZIOS RESPONDEM”:
simpatias e mirongas (Belém-PA, 1985-1997).

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico, apresentado à Faculdade de História, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Ipojuacan Dias Campos.

Belém, 15 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ipojuacan Dias Campos

Orientador (PPHIST/UFPA)

Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves

Examinador Interno (PPHIST/UFPA)

RESUMO

As reflexões a seguir se debruçaram a compreender determinados deslocamentos afro-culturais exercidos pelo babalorixá Pai Serginho de Oxóssi. Este personagem acessou o público paraense por meio de dois canais de comunicação, quais sejam: o do jornal “Diário do Pará”, coluna “Os búzios respondem” e o do programa radiofônico “A Hora do Axé” transmitido pela “Rádio Clube do Pará”. Através destes veículos apresentou o poder que a sua crença religiosa exercia nas estruturas mentais amorosas-sentimentais daqueles desesperançados em face aos amores “perdidos”. O contato entre consulentes e consultante ocorria por intermédio de correspondências encaminhadas ao segundo, as quais eram respondidas por intermédio do citado periódico. Com efeito, a presente interpretação consiste na lógica de que asilar-se sob recursos do religioso em questão, ocorria ao tempo em que os consultadores haviam esgotado todo e quaisquer recursos ditos tradicionais pensados capazes de estabelecer reaproximações com o sujeito amado, por uma perspectiva; mas, por outra, o artigo firma posição de que os caminhos apresentados pelo afroreligioso não teriam eficácias se aspectos psicológicos ficassem às margens das “magias” vislumbradas solucionadoras de desinteligências amorosas. À vista disso, os documentos utilizados à elaboração de tais propósitos, foram: matérias compulsadas no jornal “Diário do Pará” e trechos de uma entrevista concedida pelo religioso à autora desta reflexão.

Palavras-chave: Religião. Religiosidade. Simpatia, Amor. Psíquico.

ABSTRACT

The following reflections focused on understanding certain Afro-cultural displacements carried out by the babalorixá Pai Serginho de Oxóssi. This character accessed the public of Pará through two channels, namely: the newspaper “Diário do Pará”, column “Os búzios respond” and the radio program “A Hora do Axé”. Through these vehicles he presented the power that his religious belief exerted on the loving-sentimental mental structures of those hopeless in the face of “lost” loves. Contact between consultants and consultants occurred through correspondence sent to the latter, which were responded to through the aforementioned periodical. In effect, the present interpretation consists of the logic that taking refuge under the resources of the religious in question occurred at a time when the consultants had exhausted any and all so-called traditional resources thought capable of establishing rapprochements with the loved subject, from one perspective; but, on the other hand, the article establishes the position that the paths presented by the afro-religionist would not be effective if psychological aspects remained on the margins of the “magic” envisioned to solve romantic misunderstandings. In view of this, the documents used to prepare these purposes were:

Articles published in the newspaper “Diário do Pará” and excerpts from an interview given by the religious to the author of these reflections

Keywords: Religion. Religiosity. Sympathy, Psychic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 ALGUNS CONSULTADOS	8
3 SIMPATIAS EM CURSO	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21
FONTES	22

Introdução

Como tenho dito várias vezes, “a Minha Gegê – Nagô é a escolha do silêncio, da humildade, da realização. Eu sou seu discípulo. Diante da majestade de Avievodum o que vale não é a tua sabedoria, mas, sim, tua humildade”. (Diário do Pará, 09 de setembro de 1987, p. 2.).

A pesquisa concentra análises na cidade de Belém. O seu período inicia-se em 1985 e se estende até 1997. As reflexões propostas se encontram ancoradas em diversas fontes que incluem artigos publicados no jornal “Diário do Pará” e numa entrevista com Pai Serginho de Oxossi. A questão central aqui proposta visou compreender algumas razões do porquê determinados agentes voltaram atenções a lenitivos e a consultas espirituais de cunho amorosos conhecidos como simpatias, mandingas, mirongas. Dito isso, a reflexão se sustenta sobre o seguinte ponto de vista: a magia apenas foi buscada pelos consulentes quando todas as outras ferramentas ditas convencionais haviam se esgotado à solução do contratempo pelo qual a pessoa carecida atravessava. Associado a este argumento, o leitor se deparará com a lógica de que o “problema” amoroso apresentado ao religioso, passava – obrigatoriamente – por trilhas psicológicas, ou seja, compreende-se inexistir solução às desinteligências anunciadas às margens do convencimento psíquico do sujeito em si mesmo. À vista disso, frente ao desespero amoroso, crenças no poder do encantamento e no da palavra profetizada por um sacerdote, transformavam-se em esperanças aos perturbados amorosos. Então, o estudo busca lançar nova luz sobre aquelas práticas, compreender seus significados aos praticantes, compreender as crenças concernentes à eficácia da magia, bem como descortinar, no imaginário de parte da sociedade belenense, os resultados alcançados por tais recursos. Por estas escalas, os deslocamentos da pesquisa levaram à investigação da coluna “Os búzios respondem”, escrita pelo Pai de Santo Serginho de Oxossi, editada no periódico “Diário do Pará”, assim como à análise de uma entrevista concedida pelo religioso. No tocante às publicações, o conteúdo ganhou certa notoriedade entre o público leitor a partir de dezembro 1985, por meio de anúncios dos seus atendimentos com jogos de búzios de onde dizia prever o futuro, principalmente no ramo da política, no da música e no do futebol, sinalizando a não participação do elenco brasileiro nas finais da Copa do Mundo de 1986. Previsões sobre a política estadual e palpites no tocante a interações dos astros, com o horóscopo semanal, estas escalas foram ações recorrentes. O sacerdote, por intermédio da revelação dos búzios, também ficou afamado pela presumível descoberta de um remédio natural destinado a auxiliar os portadores do vírus HIV, em ascensão na década de 80. O tratamento se dava pelo cozimento de cascas de arueira, capitari, conhecido como pau d’arco e barbatimão, composição dita proporcionadora de efeitos terapêuticos ao paciente.

Foi a partir de 26 setembro de 1986 que Serginho passou a divulgar semanalmente o seu trabalho no supracitado jornal. Este concedeu espaço a previsões e a consultas aos interessados nos

poderes emanados da religião professada pelo babalorixá. Encaminhar cartas era a ferramenta para se entrar em contato com o afromreligioso e, assim, se obter orientação a respeito dos mais variados problemas. Tudo era organizado da seguinte forma: os leitores enviavam correspondências ao jornal utilizando um pseudônimo e o religioso colunista as respondia na coluna em tela. No texto das missivas era necessário que o remetente assinasse o nome por extenso, o encaminhasse com a data de nascimento (o dia, o mês e o ano) e, tais referências deveriam ser acompanhadas por um heterônimo. Os nomes fictícios eram múltiplos e, quase sempre, estiveram relacionados aos signos astrológicos ou com a situação emocional na qual se encontravam. Vejamos alguns: “Ariano Desorientado”, “Virginiana Insatisfeita”, “Libriano Desgostoso com a Vida”, “Esposa Sofredora”, “Amarrado”, “Sem Saúde”. Para Pai Serginho, o emprego de nomes fictícios era uma forma de deixar incógnitas as pessoas, uma maneira com que não se “comprometesse” com a história narrada nos múltiplos manuscritos recebidos, privando seu íntimo de quaisquer julgamentos. Dessa forma, o anonimato era garantido através de informações fictícias que cabia ao próprio remetente escolher, porém, em dados casos, o religioso assumia essa função.

As correspondências poderiam ser enviadas aos seguintes endereços: rua Boca do Acre, 391, no bairro do Telégrafo, local de atendimento presencial do sacerdote. Mais tarde, 1989, ao passar a atender à rua Comendador Pinho, bairro da Sacramento, epístolas podiam ser encaminhadas para este logradouro. Igualmente, à sede do jornal e à da “Rádio Clube do Pará AM”, onde comandava o programa “A Hora do Axé”, primeiramente à Rua Gaspar Viana e, mais tarde, à Travessa Curuzu, esquina com a Avenida Almirante Barroso.

No tocante às mirongas de Axé, é vital esclarecer que chegaram à presente discussão por intermédio de mais de 100 ocorrências coletadas no periódico citado, porém, deste universo, 8 se demonstraram suficientes à fundamentação desejada. À vista disso, no tocante a coluna “Os búzios respondem” é medular deixar evidente ao leitor que ela tomou forma em seu conteúdo com o avançar das edições, pois, por exemplo, no seu bojo foram adicionadas categorias religiosas, porém outras, a subtração foi necessária. O noticiário prognóstico seguia estruturação simples que iniciava com uma previsão mensal de um signo do zodíaco, seguindo diretamente às respostas dos búzios referentes às cartas dos leitores, sem grande aprofundamento a respeito da história do remetente, fazendo com que os próprios pseudônimos empregados aguçassem a mentalidade do leitor sobre a narrativa noticiada.

Em conformidade, como pode ser caracterizada o principal personagem dessas investigações? Pai Serginho de Oxossi foi iniciado na Umbanda em 1970, em Belém e desenvolvido no Culto Mina Jeje-Nagô, Culto aos Orixás, Voduns e Encantarias em São Luís do Maranhão, aos 30 anos de idade. Segundo ele, desde o momento do seu nascimento, já estava destinado a seguir sua missão enquanto sacerdote de cultos africanos, contudo, apesar de herdar a

mediunidade da família, na qual sua mãe, seu primo e seu sobrinho manifestavam mediações espirituais, enfrentou – no início – certa resistência no seio da sua linhagem, porquanto “todos são muito católicos e eu ia de encontro às suas tradições”. (Diário do Pará, 1989, p. 6). Ainda nesta matéria, Serginho diz que começou a experienciar os primeiros sinais mediúnicos ainda muito novo, aos 7 anos de idade, e aos 11 anos principiou a “fazer o santo”. No entanto, somente em 1985, já com a aceitação de sua família, passou a introduzir a caminhada no seu destino espiritual. Ele também é literato. Escreveu dezenas de orientações a versar sobre trabalhos de amor na coluna “Os búzios respondem”, do periódico “Diário do Pará”. Pode ser classificado, igualmente, como comunicador, porque comandou na década de 90 até meados de 2021, na “Rádio Clube do Pará AM”, o quadro intitulado “A Hora do Axé”, sendo uma das sequências mais esperadas pelo público da época.

Com vida extremamente agitada enquanto representante do Axé, em agosto de 1989, sob o título “Umbanda e Candomblé festejam Exu e Oxumaré”, o religioso expressou: “(..) Tenho filhos no Rio, São Paulo, Manaus, Estados Unidos, que não dão um passo sem me consultar no jogo de búzios, mão de cartas, trabalhos¹ para diversos fins, banhos, garrafadas (...)”. (Diário do Pará, 1989, p. 6).

Finalmente, o babalorixá possui personalidade alegre, sorriso largo e olhar vivo. O Pai de Santo se sente confortável em usar pulseiras e anéis de prata, bem como enfileiramento de inúmeros rosários no pescoço. Filho de Yemanjá, foi confidente de incontáveis histórias daqueles que creram na eficácia de suas simpatias e conselhos. Nesse segmento, se coloca à baila a principal discussão desenvolvida por esse texto: o poder de deslocamentos psicológicos concentrados num religioso afro que desenvolvia mirongas destinadas a reaproximar homens e mulheres desavindos amorosamente. O sacerdote, se apresentava como intermediador do plano material e no do divino, confortando psiquicamente as contingências humanas através de recursos mágico-religiosos. Soma-se a este conjunto, o entendimento de que os consulentes apenas descortinavam a crença afro como capaz de solucionar desinteligências amorosas quando todos os outros recursos, na sua totalidade, haviam se esgotado.

Eis, deste modo, determinadas interpretações.

¹A busca por práticas mágico-religiosas era uma alternativa de sanar problemas dos mais diversos fins, como tratamento para a infertilidade, impotência sexual, tratamento de “quebranto” para as crianças, malefício contra os lares e familiares e tantos outros. Em Belém, há indícios desses sortilégios antes mesmo da visitação do Tribunal do Santo Ofício no Grão-Pará e Maranhão (1963-1969), praticado principalmente pela camada mais popular dos habitantes. A historiadora Taissa de Luca (2021) e o pesquisador Fábio Sena (2021) demonstram a presença dessas práticas no período inquisitorial em “As magias de amor: das notícias históricas aos sortilégios realizados em terreiros de Belém”, ao realizarem uma incursão histórica sobre esses serviços, mas focalizando suas análises para o âmbito amoroso desses sortilégios.

Alguns consultados

Buscar a recuperação do amor de uma mulher e de um homem por intermédio da ajuda do babalorixá jamais foi tarefa simples. Fosse quem recorresse a tal ferramenta, fosse o religioso mediador, nenhum desconsiderava essa premissa; por exemplo, repita-se, constituiu-se sobejamente comum nas epístolas endereçadas a omissão dos nomes próprios – foram mudados para pseudônimos – daqueles a encomendar orientações amorosas-religiosas. Ambas as instâncias de interesse se utilizaram da estratégia para se evitar constrangimentos, para se evitar comprometimentos, para se evitar juízos externos, para se evitar galhofas de terceiros, tais táticas expressavam ponderações, mas também complexidades perante a solução buscada. De mais a mais, aquele a ajudar indivíduos desesperançados no amor consignou acerca do assunto:

Pra não comprometer, né? Às vezes... vamos dizer... a vizinha do teu lado que tá fazendo feitiço pra ti. Então você vai mostrar que tá indo na macumba, aquele negócio todo? Então era tudo... assim é... sigi... sigiloso. Sigiloso com iniciais, com pseudônimos, né (...). Às vezes eu dava pseudônimo pra não comprometer a pessoa. (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho de 2024).

Mais à frente, na entrevista concedida, aludiu:

Eu orientava, sempre orientava... “gente, se vocês quiserem mandar carta, eu não...”, eu tinha medo, é um nome né, de repente... então era inicial (...) Às vezes eu dava o pseudônimo, às vezes eu dava o pseudônimo. Pra não comprometer a pessoa, eles já sabiam... aquele problema, a que eu tava me referindo. É como na rádio, né... na rádio principalmente que todo mundo escutava. Então gente, não é preciso você se identificar, se você quiser tudo bem, não tem problema, mas se você não quiser, mande sua inicial, ou um pseudônimo “borboleta triste, pássaro ferido”, e assim foi. (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho de 2024).

Dessa forma, o anonimato era garantido e cabia ao próprio remetente escolher como desejava ser cognominado, mas houve casos em que o próprio executor do trabalho amoroso assumiu essa função. Enfatize-se, o referido meio ocorria porque as partes convencionaram ser premente proteger o consultado, porquanto não eram incomuns pressões sociais advindas da vizinhança e da coletividade, assim como preconceitos articulados a coações religiosas em virtude da atenção, da importância, do valor e do tratamento oferecidos à religião de matriz afro. Todavia, a mais elástica delicadeza a cingir sobre esta relação esteve na natureza solicitada e para quem se solicitava: trabalhos amorosos, os quais eram idealizados por um mestre de crença afrorreligiosa. Aliás, estas foram, talvez, a primícia elementar à feitura de abastados cuidados em face ao anonimato.

A religião e a religiosidade em questão, se articulavam com diversificadas instâncias para, então, se fazerem; para dar a ler as suas crenças. Não obstante, o anonimato esteve distante da função de tão-somente expressar espécie de esconderijo a evitar o preconceito; ele funcionou como lugar sociorreligioso capaz de oferecer liberdade psíquica quer às narrativas que homens e mulheres passavam perante “amores perdidos”, quer às orientações provenientes do babalorixá. Por este

patamar, “o que quer que a religião possa ser” ela sempre se nutrirá do entendimento de como cada sujeito a interpreta e a organiza nas suas experiências e nas suas condutas cotidianas (GEERTZ, 1989, p. 144).

O seguidor da coluna, “Os búzios respondem”, cognominado “Ariano Desorientado”, obteve em setembro de 1986, resposta do religioso. Veja-se: ARIANO DESORIENTADO: Vi nos meus búzios que o seu amor voltará, tome um banho de incenso de Chama, mel de abelha e rosas brancas e tudo lhe sorrirá; seu Santo que lhe protege é IANSÃ. (Diário do Pará, 28 e 29 de setembro de 1986, p. 02).

Dois aspectos se destacam, quais sejam: primeiro, “Ariano” certamente havia esgotado o uso de ferramentas vislumbradas comuns à conquista de sua amada. Recorreu a conversas, reafirmou compromisso, deu explicações, articulou promessas, refez planos, no entanto, ao que tudo indica, não conseguiu fazer com que a mulher voltasse a assumir consigo quaisquer compromissos. À vista disso, ao observar a “inviabilidade” de a amada regressar à convivência através do ordinário, ou melhor, ao presumir “nada” ser capaz à restauração dos elos maritais e que, dessa maneira, caminhos pouco ortodoxos seriam inúteis, decidiu recorrer ao líder religioso em tela. Segundo, a resposta de Pai Serginho à epístola encaminha pelo “desiludido” homem foi nutrida de instrumentais naturais-religiosos que, certamente, havia décadas, constituíam-se em essências sobejamente conhecidas por aquele a recorrer aos poderes da religião afro. Muito embora, “incenso” e “mel”, o homem atordoado já os conhecesse, entretanto não na qualidade de produtos capazes de restabelecer amores. No seio destas estruturas de conhecimento religioso, estiveram atuando de forma inequívoca a debilidade e a força de camadas psíquicas várias. O homem enfraquecido em virtude do “amor perdido” entendia como viável enfrentar a fragilidade amorosa por intermédio de outros instrumentais; buscava resolvê-la através de orientações religiosas oriundas da “magia”, do “banho”, do “mel”, do “incenso”, isto é, enfatize-se, estas foram algumas essências utilizadas pelo religioso que recorrentemente estiveram somadas a fatores psicológicos ditos capazes de alcançar o alvo pelo qual foi acionado. Eduardo Galvão, em “Santos e visagens”, interpretou a feitiçaria como uma das inúmeras formas a colocar indivíduos na condição de panema, todavia, das suas compreensões o que corrobora às reflexões aqui apresentadas concentra-se nas ervas e nas garrafadas ditas eficientes à quebra de encantarias, enfim, o autor esteve atento aos efeitos dos conhecimentos caboclos presumíveis capazes de desfazer o feitiço promovedor da panemagem. (GALVÃO, 1976, p. 81-85).

Em estudos realizados na capital paraense, Fábio Sena analisou que a magia e os simbolismos possuíam papéis fulcrais na resolução de pendengas sentimentais e que presumíveis técnicas racionais são incapazes de acolherem, resolverem e amainarem determinados cenários da

vida humana. Assim sendo, a magia seria uma forma alternativa de lidar com contextos amorosos controversos, ainda que esteja fora da compreensão (científica) humana. (SENA, 2021, p. 52). Ao administrar os elementos naturais mencionados na simpatia, o agente social reacende crenças adormecidas ou não conhecidas até o momento, impulsionado pelo senso de agência e de controle que a feitura mágica oferece. Esse controle sobre aquilo que não pode ser domado naturalmente, mas que pode ser manipulado pelo mágico, desperta sensações de esperança de que o meu ser amado retorne ao abandonado. Contudo, como pontuado pelo mesmo autor e em observância ao consultado, Pai Serginho não ludibriava o seu leitor com promessas infundadas de que o ser amado iria voltar imediatamente, pois, estrategicamente, fazia reacender a esperança ao afirmar que “Vi nos meus búzios que seu amor voltará” (Diário do Pará, 1986, p. 02), então, depositava a eficácia desse retorno amoroso na operação mágica a ser realizada pelo leitor e na recarga psicológica positiva a depositar sobre ela.

Há, nas respostas oferecidas por Pai Serginho, diversos caminhos que os historiadores podem percorrer. Dentre muitos destaca-se o seguinte: o religioso nunca se fez de rogado perante o poder da religião professada, ou melhor, sabiamente expressava – de forma pública – o quanto os seus conhecimentos eram capazes de reunir casais com sérias desinteligências e, para isso, repita-se, o uso de ervas conhecidas e a citação de santos, talvez, “incomuns” (como Iansã), objetivavam produzir sobre os “consultados” desempenhos mentais bastante eficientes, porquanto, não podemos deixar às margens que na medida em que se chegava ao mestre, “todo” recurso e “toda” ferramenta ordinária à conquista já haviam sido colocados em exercício, porém, sem o efeito aspirado.

Quer para os consulentes, quer para o consultador existia o campo, muito embora invertido, do efeito desejado. Este constituía-se num aspecto essencial às personagens em questão, porquanto, o primeiro já havia passado pelo fracasso de não conseguir o retorno da amada, e, o segundo, desejava fazer a reaproximação dos desavindos; por assim dizer, os dois militavam em busca dos efeitos da “magia”, ao seu sucesso, à sua eficácia. Isso não é tudo, porém. Há a necessidade de dada calma intelectual para que as reflexões propostas tenham bons fins. Dessa maneira, vejamos: como atrás já foi observado havia exaustão de dado grupo de sujeitos socioculturais-religiosos, perante o uso de instrumentais comuns destinados à conquista e/ou à reconquista de alguém. Para o babalorixá, existia a certeza do quanto as suas ações eram representativas e poderosas diante das teias psicológicas daqueles que o procuravam. Todavia, talvez, o que mais importa analisar consiste na concepção de como é possível tentar categorizar as tramas pelas quais determinados agentes históricos descortinam no(s) outro(s) determinada(s) transcendência(s) capaz(es) de resolver problemas assentados no plano amoroso.

Estamos aqui frente a frente aos elementos essenciais a determinar os argumentos propostos. À vista disso, o que distinguia o senso de entendimento pretérito dos consulentes do tempo em que

decidiram albergar-se sob os conhecimentos/conselhos de Pai Serginho, foi a “simples” mudança mental de aceitação do modo de se interpretar o mundo que lhe circunscrevia, de se compreender como sujeito atuante num lugar, de conseguir entender formas de direção a si e aos outros, enfim, adentrar no mundo religioso expressava firmar camadas paradigmáticas explicativas. Serginho, por assim dizer, prestava atendimento para as mais diversas searas, principalmente às circunscritas a questões do coração: a versar sobre problemas conjugais. Nos casos mais severos, aqueles a necessitarem de uma orientação mais privada e estendida, orientava à pessoa que o procurasse – presencialmente – em seu local de atendimento. Nesta conjuntura, a confiança era elemento importante, pois, afinal, diversificados agentes abraçavam a simpatia, a mironga, a encantaria para solucionarem os seus problemas, em virtude do visível esgotamento das ferramentas usuais. Para inúmeros clientes, recorrer à “magia” constituía-se na última estrutura capaz de reaver amores que em si não se encontravam “perdidos”, mas poderiam ficar caso a ajuda religiosa fosse negada, ou seja, sem a força da religião-religiosidade afro contida em Pai Serginho, sem as ervas, sem os banhos, a mulher e o homem desejados tendiam a distanciarem-se um do outro.

Nas tramas em questão, a religião, inicialmente, oferecia acalento emocional para o que não podia ser compreendido racionalmente. Nos casos em exame, o que se observa é a tentativa de controle para aquilo que se encontrava em desordem, uma amenização ao sofrimento, fosse por meio de orientações de Pai Serginho, fosse pela feitura de simpatias. Em suas experiências empíricas vivenciadas em terreiros de Limoeiro do Norte (CE), Kelson Chaves considerou que os sacerdotes se compadeciam com os conflitos amorosos de sua clientela, assumindo papel não apenas de intercessores espirituais, mas também de conselheiros. O pesquisador observou que muitos aflitos nem chegavam a realizarem-se em mandinga e que somente os conselhos do(a) sacerdote era(m) suficiente(s). (CHAVES, 2010, p. 148). No entanto, aqui, desejo voltar outra vez às estruturas psicológicas. Estamos perante pessoas sobejamente abaladas (aqueles que “perderam” amores), bem como diante de um religioso que não deixava em segundo plano o ideário do quanto poderia ajudar nesta matéria. Logo, de um lado, ocorreram depreciações psíquicas em decorrência dos dissabores de diversificadas tentativas amorosas frustradas e, de outro, existia o religioso disposto a ajudar a reconstruir vidas a dois em crise. Outra vez, o argumento desta reflexão vem à tona com sobeja força, qual seja: os indivíduos buscavam aquela crença ao tempo do desespero, quando não mais dispunham de recursos vistos como ordinários à solução de desacordos amorosos e, nestas condições, tal sentimento se encontrava absolutamente ligado à “fragilidade” psicológica dos consulentes. Efetivamente, o que ocorria em meio ao desespero de alguns concentrava-se na lógica de que houve considerável mudança no modo de ver, de perceber, de entender, de classificar a vida a dois; dito de outro modo, os angustiados passaram a organizar distintas formas de interpretação, de aceitação, de compreensão de mundo, ou melhor, na ausência de explicação

convincente localizada nas estruturas ditas tradicionais, Pai Serginho passou a ser classificado como agente capaz de organizar-reorganizar desencontros sentimentais há muito em curso.

“Ariano Desorientado” e tantos outros a constar nestas reflexões, desejavam retornar – através de qualquer instrumental – ao controle das suas vidas amorosas. A finalidade era, por assim dizer, a de voltar a atuar nestas instâncias privadas na condição de dominador, na de respeitado, na de amado e desejado pela amada. Por outros termos, aspirava dirigir a própria vida, as suas práticas, os seus desígnios, os seus propósitos, as suas implicações. Ao se observar estes campos, aprofunde-se mais e mais o argumento no seguinte sentido: as camadas da vida amorosa são, sem dúvida, em si mesmas, produtos de negociações a ocorrer no seu bojo e às margens dela, isto é, constituem-se em produtos culturais onde a flexibilidade é essencial.

Para se reforçar estas balizas interpretativas, traz-se à baila a senhora cognominada de “Perdida sem rumo”, eis:

RESPOSTA ÀS CARTAS DE LEITORES

Perdida sem rumo: Pai Serginho, namorei um rapaz que prometeu casar comigo, mas depois que ele conseguiu seu verdadeiro objetivo me abandonou e hoje espero um filho dele e o pior é que minha família não quer que eu tenha esta criança. O que eu faço Pai Serginho, me ajude pelo amor de Deus.

Pai Serginho responde: Minha querida e desconhecida filha, eu coloquei seu nome na corrente de axé e você vai vencer esta luta. Pegue um prato branco, escreva num papel o seu nome e do moço, cruze os nomes e coloque no prato com mel de abelha e 2 gemas de ovo de galinha, ao lado direito uma vela 7 dias 7 noites branca e um copo com água. Para unir depois de 7 dias coloque tudo isso num jardim. (Diário do Pará, 13 de dezembro de 1989, p. D-2).

Namoros, relações carnis e gestações chegavam ao conhecimento do babalorixá não apenas para que emitisse opiniões, mas para resolver imbróglios sobejamente complexos. As reflexões aqui propostas se distanciam da narrativa, porquanto firmam-se numa problemática psicorreligiosa; todavia, se faz necessário lembrar: uma mulher namorou, entrou em estado gestacional, foi abandonada e, vendo-se em desespero, solicita ajuda para um afroreligioso. Entretanto, o que nesta história converge à questão proposta deste artigo é uma espécie de certeza quer pela “Perdida sem rumo”, quer por Pai Serginho do quanto a magia contida nos trabalhos sugeridos constituía-se em estruturas dominantes às partes envolvidas. Inevitavelmente, a certeza de que um ebó daria certo passava invariavelmente pelas camadas psicológicas de cada qual; assim sendo, houve dois passos iniciais: o de colocar o nome da desesperada “na corrente do Axé” e o de afirmar que ela iria “vencer esta luta”. A corrente do Axé sinalizava a presença da força, a da vitalidade e a da vitória; ligava-se – crê-se – à instância psíquica mais substancial: a de afirmar que a grávida abandonada venceria a batalha em curso. Depois deste trabalho mental principiante, o religioso orientava como trazer para os seus braços o namorado abandonador. O trabalho de amor constituiu-se de “prato branco, escrever num papel o seu nome e do moço, cruzar os nomes e colocar no prato com mel de abelha e 2 gemas de ovo de galinha, ao lado direito uma vela 7 dias 7 noites branca e um copo com

água. Para unir depois de 7 dias coloque tudo isso num jardim” (Diário do Pará, 13 de dezembro de 1989, p. D-2). As instâncias cotidianas religiosas eram, impreterivelmente, resultados de dimensões culturais, políticas, sociais, porquanto elas (as instâncias religiosas) foram representadas quer pelo babalorixá, quer pelos que o procuravam como produtos de acepção de símbolos. Não obstante, as representações sociorreligiosas em tela são dadas a interpretar na faculdade de mais uma forma de ver, de compreender, de descortinar como os objetos religiosos e como o alcance a princípios religiosos eram refletidos tanto por aqueles a procurar o babalorixá, quanto por este.

Simpatias em curso

Mais à frente, a partir de 1987, o personagem desse estudo adicionou na coluna, “Os búzios respondem”, sugestões de simpatia. Deixava claro: à realização de mirongas era imprescindível alguns ingredientes que variavam de acordo com a necessidade de cada situação, mas, principalmente, o uso de elementos culinários e a recomendação de banhos de cheiro composto por ervas, raízes e cipós comprados na feira do Ver-o-Peso, foram recorrentes. Concernentes, destacam-se: abre caminho, alfazema, estoraque, espinho de laranjeira, alecrim, folhas de louro, folhas de boldo, canela, corre atrás, erva doce, mel e outros. No seio do mundo religioso amazônico a natureza desempenha funções variadas, este aspecto foi centro das preocupações de Raymundo Heraldo Maués. No tocante, o intelectual expressou o quanto preparos com matos diversificados e destinados a soluções igualmente diversificadas como contratempos espirituais, são recursos seculares buscados pelos caboclos amazônicos. (MAUÉS, 1990, p. 133).

Em conformidade com isso, na coluna na qual Pai Serginho expressava certezas religiosas, passaram a aparecer sob as seguintes circunstâncias.

SIMPATIA: para o marido voltar pra casa, escrever à noite, ao deitar-se, o nome do marido em um papel, durante sete dias, sempre no mesmo papel, deixando do lado da cama, embaixo do travesseiro dele. No oitavo dia, não escrever, pegar o papel, colocá-lo dentro de um vidro pequeno com mel. Enterrar em um vaso com uma planta bem bonita. Pode também ser num jardim. Fazer três vezes, começando pela sexta feira. (Diário do Pará, 09 de setembro de 1987, p. 2).

Há ligações, e aqui quer-se chamá-las de psicológicas, entre as orientações presentes na coluna “Os búzios respondem” e na sua extensão denominada: “Simpatia”. O religioso caminhava por sobre um *modus operandi*, salutarmente, definido à sua operacionalização religiosa; ele não deixava às margens o entendimento do quanto era necessário firmar-se em camadas psicológicas para que assim pudesse acessar de maneira mais consistente a vida alheia. Pai Serginho e quem o consultava estava envolvido com sérias demandas e orientações religiosas, as quais as previsões oferecidas a partir de mundos “mágicos” se articulavam obrigatoriamente com alcances presentes na vida cotidiana, na vida prática a ordenar a experiência de cada qual; dito de forma diferente, a

religião-religiosidade desempenhava (na conjuntura em estudo) a função de ajudar os homens/mulheres a melhor interpretarem e organizarem condutas cotidianas, logo, psicologicamente, os banhos, as ervas, os incensos, os santos, os horários e os dias ultrapassavam, aos consulentes, a concepção de simples substantivos: constituíam-se em ritos sagrados seguidos “rigorosamente” para que não se desse margem a equívocos.

Na entrevista concedida, o babalorixá recorrentemente evidenciava preocupações frente à importância de o interessado se comprometer com os ritos demandados por cada trabalho; por vezes, se tornava obrigatório, o consulente se privar de determinados alimentos, de não ingerir bebida alcoólica e de suprimir práticas sexuais. Se o cliente não seguisse tais orientações, colocava-se em risco não somente o êxito do trabalho, mas também a reputação e a integridade pública do religioso, que seria questionado sobre a eficiência de suas magias. Portanto, “muito mais” do que a crença sobre o êxito do trabalho, era substancial cumprir preceitos, resguardar conjunto de ações a comprometer o sucesso do trabalho realizado que conseqüentemente poderia colocar em dúvida a eficiência do babalorixá enquanto agente operador do simbólico. Em certa situação relatou que suas mirongas foram procuradas por um rapaz, o sujeito, contudo, era alcoólatra; tal dependência, imprescindivelmente, prejudicaria o pleno resultado do deslocamento de crença, ou seja, não auferia bons resultados e, desse modo, daria munção para que o contratante difundisse uma possível desonestidade do contratado, caracterizando-o como um impostor, então, consignou o sacerdote: “(...) meu amigo, eu não posso fazer serviço pra você, você é alcoólatra... eu vou te fazer esse serviço e tu tem que passar, no mínimo, 24h sem beber. Tu vai beber. Ai tu vai espalhar pra todo mundo que tu me pagou, deu o dinheiro e não alcançou tua graça. (...)” (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho de 2024).

Mais do que uma preocupação com a graça alcançada, Pai Serginho externou, na mesma fala, inquietações geradas pelo possível não cumprimento do rapaz aos preceitos que o trabalho exigia: ficar sem beber por no mínimo, 24 horas. O religioso reconhecia que não estava isento de certos resguardos espirituais quando exigia distância de determinados alimentos, por exemplo, o do ovo, durante a vigência da feitura de algum trabalho. Alimento de riqueza nutricional é muito utilizado em trabalhos de prosperidade, de fertilidade e de atração financeira, ao mesmo tempo em que “limpa” o caminho para que essas manifestações se aproximassem, pois, afirmou: “olha quando eu faço serviço com ovo... (...) se eu fizer pra mim, tem que passar no mínimo três dias sem comer ovo, que é pra tirar aquela energia. Porque se eu fazer serviço com ovo e comer o ovo, dá um choque, aí é mesmo que nada (...). (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho de 2024). À vista disso, Pai Serginho acreditava que o consumo desta proteína durante o resguardo espiritual alimentício gerava um choque energético que impossibilitava resultado positivo e, assim, todo esforço seria perdido. Nessa operação, seguir de forma intransigente determinadas premissas

ritualísticas, sobretudo as a exigir castidade fisiológica no que tangia ao consumo de dados alimentos, de dadas bebidas e de dadas práticas carnais, integravam operações simbólicas exigidas pela crença.

De tal maneira, para outra conjuntura de tempo e de espaço, Lévi-Strauss explicou funções simbólicas que se expressavam na consciência por meio da reconstrução de ressignificações de sentido, com o intermédio de representações propiciando um conjunto de alterações fisiológicas e psicológicas de uma parturiente pertencente ao povo Cuna (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 216). Traçando paralelos com os simbolismos presentes nas mirongas em questão, era necessário haver contrato de confiabilidade na eficácia da magia, na crença da palavra repetida, no banho de atração, para que se alcançasse o efeito desejado. O canto do xamã, bem como as fumigações de ervas naturais preparadas assumiam mensagens simbólicas equivalentes. No ritual xamânico da parturiente, esses elementos fortificaram suas vestes, ou melhor, reforçaram a figura do xamã como agente a interceder entre o material e o místico possuidores de propriedades de cura. Da mesma forma, Pai Serginho também reforçava essa imagem por meio de inúmeros elementos: os das vestimentas do sociorreligioso que lhes atribuía caráter de autoridade espiritual, os dos inúmeros rosários e guias em volta do pescoço que destacavam a existência de entidades “carregadas”², os das linguagens popularizadas, que explicitavam o sobrenatural de forma perita, os dos conhecimentos abrangentes de fórmulas mágicas de cura, os de proteção, os de abertura de caminho e os de resolução de demandas no campo do afeto. Esses elementos simbólicos endossavam a fé de corações desesperançosos em métodos ditos não usuais, no êxito dos encantamentos instruídos pelo religioso, logo, a plena convicção nas simpatias dependia, em grande parte, de três elementos principais: o da crença do sacerdote em sua própria magia, o da crença do solicitante na magia do sacerdote e o da opinião pública na eficácia dos ebós.

Com efeito, segue à análise de outra agente apaixonada que decidiu recorrer ao afrorreligioso.

RESPOSTAS ÀS CARTAS DE LEITORES

APAIXONADA: Sou casada há 8 anos, no princípio de minha vida fui muito feliz e jamais pensei que um dia estivesse de pedir auxílio a alguém do santo pois sempre fui uma descrente nesses assuntos, mas vendo seu trabalho e a multidão de gente que lhe procurando, resolvi escrever. Meu marido está de caso com uma menina em frente a nossa casa e já não me liga. Tem a coragem de sair com ela na minha frente, e diz se eu não estiver satisfeita, é só sair pela porta mais próxima. Pai Serginho me ajude o que devo fazer? Ainda há chance para mim ou está tudo perdido?

²Essa característica espiritual do Pai de Santo fica ainda mais explicitada quando observamos o nome usado por ele “Pai Serginho de Oxóssi”, demonstrando a divindade que é “dona da cabeça” do babalorixá, ou seja, o principal Orixá que rege o Orí do babalorixá, que é mais cultivado e recorrido pelo mesmo. Para Patrícia Birman (1983) “Não há dúvida de que aquele que associa o seu nome a um determinado orixá está não só afirmando uma filiação a um santo, mas também acrescentando à sua pessoa atributos pertencentes ao orixá, dono da sua cabeça.” No caso de Pai Serginho, regido principalmente por Oxóssi, percebe-se tributos que fazem referência ao sagrado, como nas roupagens em tons esverdeados e nos rosários, com grossas contas verdes.

SO: Minha desconhecida amiga, seu marido está sob influência do cupido ele casou muito novo sem conhecer direito as emoções da vida, agora é que está se encontrando, tudo isso vai passar depende de você ter paciência, lembre-se "Quem ama perdoa". Banho com: chega-te a mim, chama, vai e volta, pata queira, mão aberta. Você vencerá esta batalha e amanhã verá que tudo passou de um pesadelo rápido (Diário do Pará, 31 de agosto de 1988, p. D-2).

“Vai passar” e “você vencerá esta batalha”, eram estruturas de linguagem básicas presentes nas respostas oferecidas pelo babalorixá. Não quero, com esta assertiva assegurar que elas não mudaram no decorrer do tempo e do espaço, mas sim desejamos firmar posição no quanto se constituíam em pilastras elementares das suas decifrações. À vista disso, mais uma vez, as recomendações para um banho a trazer marido desgarrado era composto por “chega-te a mim, chama, vai e volta, pata queira, mão aberta”, mas o que isso poderia querer expressar? A mulher que se encontrava casada havia 08 anos, certamente, procurou resolver tal desinteligência por intermédio de outros encaminhamentos, por exemplo, com conversas, com convencimentos a envolver a família, com solicitações de explicação, porém, ao notar absoluto insucesso dessas ferramentas ordinárias, avaliou melhor recorrer ao mentor religioso em questão.

Em face aos preparativos existiam outras perspectivas interpretativas, vejamos. O afrorreligioso recorrentemente articulava aproximações entre quem solicitava ajuda e o mundo mítico das ervas, o da natureza, o da floresta, o do aroma. Outra vez, se faz necessário enfatizar o quanto nas tramas das camadas do conhecimento mítico, a fragilidade e a força psicológicas estiveram atuando de maneira inequívocas. Noto, dessa maneira, a “precisão” da crença do Pai de Santo em seu próprio encantamento, o qual conseguia delinear o estado psicológico daqueles que o procuram. Serginho, ao buscar decodificar dadas instabilidades afetivas através dos jogos de búzios a funcionarem como canal de transmissão entre o mundo dos homens e o do sobrenatural, assumia papel de agente a trafegar e a deter respostas do além, afirmando possuir relações estreitas com Exu desde o início de seu desenvolvimento mediúnico, logo, recorria aos aconselhamentos da entidade à feitura das mirongas e, nestas escala, admitia que ao longo de toda a sua trajetória nenhuma simpatia falhou em sua função, tal precisão fortalecia elos entre ele e os consulentes e, por conseguinte, reforçava a eficácia simbólica no ritual, porquanto asseverou “(...) não, nunca voltaram pra dizer que deu errado, né. É como eu sempre digo, “olha, isso aqui Exu tá mandando, Exu não quer fazer, então você tá ciente daquilo que Exu disse”, é como eu digo, não sou eu.” (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho de 2024).

O religioso cria no poder da entidade, confiava em suas prescrições simpáticas, obedecia ao poder de escolha da força mágica ao realizar o ebó ou não e, caso aceitasse, materializava esse desejo na feitura ou na instrução da manipulação dos elementos mágicos para que o próprio consulente o fizesse. A partir da fala de Pai Serginho, a sua crença na eficácia da própria magia pode ser compreendida como componente de uma “estratégia simbólica” a ganhar vida graças a

conexões com a entidade Exu. Ao afirmar que “Exu tá mandando, Exu não quer fazer”, enfatizava uma cisão entre a sua ação individual materializada e o poder maior da entidade, posicionando-se como um canal, um mediador, um elo a cingir os dois mundos. O ponto chave levantado por Lévi-Strauss está impresso em Pai Serginho enquanto agente a praticar o mágico, pois essa figura não atuava por vontade ou poder próprio e sim como executor, o que materializava a força espiritual de Exu. Sendo assim, o “poder” do sacerdote foi legitimado na medida em que esteve inserido na cultura paraense e, desse modo, foi reconhecido e aceito pela comunidade, em virtude de esta acreditar nos símbolos e nos rituais a serem operacionalizados.

No que confere a crença do solicitante na magia do sacerdote e na da eficácia do ato, não são poucas as ocorrências encontradas no jornal a evidenciar a reputação positiva do religioso no tocante aos resultados das suas prescrições de encantamento, uma vez que manuscritos vinham das mais diversas partes do Brasil: de capitais e de regiões interioranas. Eis, mais uma orientação acerca de mandingas amorosas: SIMPATIAS: Pra melhorar seu casamento: Numa sexta-feira de lua crescente ou lua cheia amarre sua peça íntima com a dele e guarde num lugar seguro sem querer ninguém veja e reze duas "Salve-Rainha" para o anjo da guarda de vocês dois (Diário do Pará, 10 de janeiro de 1990, p. D-2).

No receituário mágico, o sacerdote ensinava uma simpatia para melhorar o casamento; sobressaíam-se a permanência de caracteres simbólicos alusivas ao gênero do trabalho, que se referia inconfundivelmente à reconquista do esposo, ou melhor, na busca de artifícios a recompor uma relação desgastada. Eleva-se a atenção para o momento ritualístico da mandinga a ser consumada “numa sexta feira de lua crescente ou lua cheia” (Diário do Pará, 11 de janeiro de 1990, p. D-2), tal dia é comumente atrelado ao místico, muito presente no imaginário popular e reforçado por representações como a da sexta-feira 13. As fases da lua (crescente e cheia) são ligadas ao próspero, ao fértil, à plenitude. Como simbologias de intimidade e união, a simpatia mandava utilizar peças íntimas da esposa e do esposo, elementos que expressavam conexões física e emocional do casal; tudo, dessa forma, estava impulsionado pelo ato de “amarrar” uma peça noutra, sugerindo um desejo de fortalecimento e de união no casamento, supostamente, enfraquecido.

Historicamente, vestígios humanos foram usados na prática da magia, dentre os quais fios de cabelo, lascas de unhas e outras miudezas. Roupas e peças íntimas, igualmente, figuraram/figuram nesse arcabouço por presuntivamente guardarem a essência ou a energia do proprietário. A respeito, em recente trabalho, o historiador Ipojuca Dias Campos analisou o quanto as roupas desempenhavam deslocamentos psicológicos profundos nas “vítimas” de supostos ebós encomendados na primeira metade novecentista belenense, ou melhor, em maridos que tiveram vestuários roubados e tomaram conhecimento de que se constituiriam/constituíram em

matérias-primas à feitiçaria. (CAMPOS, 2025, 393). Desse modo, reforça-se que as concepções histórica e cultural dialogam com o poder simbólico e, por este meio, torna-se viável compreender como as roupas davam-se a ler no campo da magia. Mesmo refletindo para outro tempo e espaço, Marc Bloch é aqui importante. O historiador enfatizou a importância simbólica para o período medieval, quando os reis taumaturgos legitimaram a sua autoridade divina através da crença em seus poderes curativos. No contexto explorado pelo autor, a população europeia da Baixa Idade Média era castigada pela disseminação da escrófula (adenite tuberculosa), a qual encontrou o antídoto curativo no toque régio. No imaginário coletivo do período, os objetos ligados ao corpo do soberano eram considerados sacralizados, desde acessórios reais como anéis purificados com água benta até o toque no manto que, além de ser um objeto emblemático da realeza, conferia autoridade política ao rei. (BLOCH, 1999).

Contava-se comumente, entre os fiéis, que uma mulher, cujo filho, que sofria de febre e prostrado na cama com dores, atravessou a multidão em direção ao rei e, aproximando-se dele por detrás, arrancou sem que ele percebesse algumas franjas de seu manto real; colocou-as em água e deu a água para seu filho beber; imediatamente a febre baixou; o paciente se curou. (BLOCH, 1999, p. 19)

Pai Serginho operava no imaginário coletivo, ancorando-se na estrutura ritualística a tonificar a crença das massas na eficácia simbólica. De forma semelhante ao sacerdote, os soberanos curandeiros angariavam reputação por meio dos milagres, na presença de grandes multidões nas sessões de cura. Os objetos mágicos operacionalizados pelos reis eram delegados por uma aura celestial, não renovável em mãos servis, direcionada unicamente à cura de enfermos. (BLOCH, 1999). Em contrapartida, os objetos mágicos administrados pelo religioso belenense, são simbolismos presentes na própria resposta do sacerdote, que apresentava soluções para encontros e desencontros amorosos de forma simples, sem muito arcabouço linguístico formal e com “ingredientes mágicos” de fácil acesso ao interessado, fato a indicar funções propícias ao tratamento da “má fase” amorosa vivenciada por quem o lia, ou pela própria ausência do ser amado. Vejamos: SIMPATIAS Para amansar marido bravo: Ferva disciplina, amansa, quebra chibança, corrente tamanquaré, (folha), deixe esfriar e dê pra ele banhar ou lave a roupa dele. (Diário do Pará, 21 de junho de 1989, p. D-2).

Na ocorrência, o religioso apresenta uma mironga para docilizar maridos geniosos, com materiais de trivial acesso, quais sejam: a disciplina, o amansa, o quebra chibança e a corrente taquamaré. Contudo, o tamaquaré, mais popularizado nos feitiços de encantamento e amansamento do ser amado, possui presumíveis propriedades de acalmar, de “atrair” parceiros, de deixá-los “abobalhados” e “patetas” (CARVALHO DOMINGUES, 2023, p. 178).

Sob outra ótica, a simpatia reflete o papel tradicionalmente atribuído à mulher dentro das dinâmicas amorosas, como aquelas responsáveis a manter a harmonia e a ordem no relacionamento,

recorrendo a estratégias não convencionais para se lidar com conflitos conjugais, como um marido bravo. Fábio Sena e Taissa de Lucca (2021), estudiosos das mirongas relacionais discutiram como esses serviços são solicitados por pessoas que enfrentavam amores considerados inacessíveis, tendo como destaque dessa procura, o gênero feminino na cidade de Belém. Tal observação nos leva a refletir em uma dinâmica social na qual a mulher se sente frequentemente mais vulnerável dentro da dinâmica do amor. Traçando paralelos com as cartas enviadas à coluna, infere-se que o feminino era o maior público a procurar o sacerdote, onde os intentos variavam: “trazer o ser amado de volta” (o namorado e o marido, até “afastar amante”) e casos nos quais o homem se envolvia com a prima da mulher abandonada, por exemplo.

Inúmeras são as tramas a abordarem a seara amorosa, dentre as quais: a reconquista do ser amado, a lamentação de cônjuges trocadas por outra mulher, as situações de amores incorrespondidos. Em alguns casos consultados, a demanda amorosa do solicitante envolvia terceiros, como filhos e diversificados membros do núcleo familiar. Nestes particulares, a intervenção da magia torna-se sensível, visto que são situações em que o poder judiciário é chamado a intervir.

Eis, mais um eixo a respeito:

Estrela se apagando: Pai Serginho, meu marido me deixou com 5 filhos e foi viver com minha prima. E como se não bastasse esta humilhação, ele não dá nada para seus filhos e me ameaça de morte toda vez que digo que vou jogá-lo na justiça. Minha única esperança é o senhor, Pai Serginho. Pelo amor de Deus me ajude. (Diário do Pará, 03 de janeiro de 1990, p. D2).

A ex-esposa dita desamparada e apresentada pelo pseudônimo “Estrela se apagando” dirigiu súplicas à principal personagem em tela. A mulher narrava que seu marido a deixou com 5 rebentos para viver com a sua prima. Não obstante, o homem é acusado de não cumprir com quaisquer obrigações financeiras referentes aos seus 5 filhos que ficaram com a presuntiva abandonada e ainda a ameaçava caso viesse a recorrer ao judiciário. No íntimo apelo, “Estrela” frisou que Pai Serginho era a sua última esperança, indicando ter acionado alternativas à resolução do problema, todavia, sem sucesso. A figura do sacerdote, nesse processo, apareceu como o refúgio final da demandante que, encantada pelos simbolismos da eficácia mágica do babalorixá, a exemplo de outros casos a envolver amores noticiados no jornal, depositou esperança, confiança e fé nos sortilégios amorosos contidos na crença afroreligiosa.

Nestas camadas há o estético, há o sagrado, há o simbólico, há moralidades religiosas, há crenças a extrapolar as convicções do “principal” ator em debate, em suma, eles chegavam na faculdade de certeza aos encomendadores da “magia” amorosa. Com efeito, para que o amor “perdido” voltasse constituía-se imprescindível, aos lados em tela, a existência da certeza; em síntese, para o executor não poderia pairar nenhuma dúvida do quanto a simpatia era poderosa aos

fins desejados. Havia compromissos emocionais, havia os éticos, havia os culturais e havia os psíquicos a cingirem conjunto de agentes, conjunto de deslocamentos, conjunto de necessidades a serem alcançadas quer pelo religioso, quer por aqueles que o procuravam.

No entanto, volte-se outra vez ao eixo dessas interpretações: o esgotamento do ordinário para se conseguir o retorno do amor supostamente perdido e os seus efeitos psicológicos travados no seio dessa batalha religiosa-amorosa. Nestas condições, o mais premente a se entender, a se analisar encontrava-se pousado não na organização religiosa a proporcionar o restauro amoroso e sim como os que a ela recorriam, conseguiam dar significados e funcionalidades efetiva e prática à matriz religiosa a qual foram “obrigados” a conferir poderes “mágicos”. Amiúde, tratava-se de compreender parâmetros e noções pelos quais homens e mulheres atribuíram ao “mágico” aspectos “verdadeiramente reais”, bem como sentidos que essas certezas induziram nas mentalidades dos consulentes, então, a “magia” amorosa era dada a ler na qualidade de uma expectativa religiosa, na qualidade de modo de ver, de sentir, de compreender, de entender, de discernir, de significar a vida cotidiana.

Eis, o que se quis dar vazão.

Considerações finais

Por intermédio de um bom trabalho mágico religioso, de sugestões e de orientações afetivas, amores “perdidos” eram passíveis de recuperação. Conforme interpretações apresentadas, o babalorixá em tela se encontrava nesta seara, porquanto não foram poucos os casos em que bastante se fez uso de instâncias “simbólicas” capitaneadas por diversificadas mirongas destinadas a trazer amores distanciados. De mais a mais, repita-se, o sucesso da empreitada não se circunstanciava às forças empreendidas pelo afrorreligioso, pois era elementar no bojo da mentalidade daquele(a) a encomendar o ebó existir a confiança na magia, a confiança na crença, a confiança nos banhos recomendados. Então, o encaminhamento dos afetos não se localizava em única força e em apenas um conhecimento; tudo estava localizado em sistemas abrangentes de força, em composições de elemento que ao atuarem em conjunto conseguiam realizar aberturas de caminho no campo dos afetos.

Por um lado, igualmente, é mister reafirmar que se procurava a “reconquista” afetiva quando “todos” os recursos, por exemplo, os concentrados em conversas de convencimento, haviam se esgotado. Por outro, recorrer a poderes diversificados (aos de Pai Serginho) também expressavam o quanto os consulentes eram determinados quando o assunto versava sobre permanência afetiva. Não se deve deixar às margens o entendimento de que os deslocamentos religiosos em tela estiveram sob a batuta de pressões e/ou de “certezas” psicológicas. Este aspecto, certamente, exige explicações mais amiudadas. Era parte do *modus operandi* do religioso fazer uso de estruturas psicológicas, era

uma forma de estratégia religiosa, era uma forma de convencer, por um lado; por outro, influências psíquicas do consulente não figuravam num segundo plano, ou seja, o pleno funcionamento da “simpatia” dependia daquele que a encomendasse, cresse no trabalho efetivado e cumprisse orientações determinadas, logo, mais uma vez, enfatize-se, de ambos os lados, o uso psicológico tratava-se de consistente *status quo*.

Em conformidade, estas reflexões estiveram pautadas na compreensão do quanto as religiões e as religiosidades estiveram não somente no seio do mundo prático do afroreligioso, mas também por quem o consultava. Elas, equitativamente, procuraram explicar como as religiosidades jamais se distanciaram das tramas cotidianas quer as do religioso, quer as dos que buscavam os seus ebós. De tal modo, religiosidades e cotidianidades foram articuladas no afã de explicar e melhor organizar vidas de homens e mulheres, onde banhos, onde incensos e onde santos, por exemplo, não foram invulgares. Os indivíduos a recorrerem a tais lógicas religiosas, assim como Pai Serginho, lidavam com intensas estruturas psicológicas, com formas de compreensão, com maneiras de entendimento, com aspectos de conduta relacionados ao dia a dia e à vida religiosa. Em conformidade, estive frente a frente a dois aspectos bastante antagônicos, porém, complementares. Em primeiro lugar, homens e mulheres abalados em virtude da “perda” da pessoa amada e, por esta razão, decidiram recorrer ao mágico religioso no afã da reconquista e, em segundo, leu-se o quanto, como e porque o filho de Oxossi se colocou à disposição, na qualidade de agente socioreligioso, capacitado a ajudar neste particular.

Não obstante, Pai Serginho, por intermédio de experiências espirituais, buscava fazer com que “Ariano Desorientado”, bem como os demais consulentes, conseguissem se colocar no mundo amoroso através de outras camadas; ou melhor, era primário forjar para si diferentes percepções e classificações e, apenas a partir desse fortalecimento pessoal recomendava-se enfrentar a reconquista do amor presuntivamente perdido. Era premente interpretar o mundo circundante, era premente construir interpretações ditas diferenciadas acerca do lugar no qual o homem e a mulher alocaram a relação amorosa. Reassumir o entendido como controle da vida amorosa, não se constituía viável em meio a embaraços psíquicos, enfim, retornar ao que um dia foi experienciado como tempo de dominação e de respeitabilidade – na vida a dois – era viável desde que houvesse equilíbrio pessoal.

Referências

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

CAMPOS, Ipojucan Dias. *Prensa do tempo: medo, catolicismo e feitiçaria* (Belém-PA, 1916-1940). Belém: Digitado, 2025.

CARVALHO DOMINGUES, Bruno Rodrigo. *Dá tamaquaré pra ele! Humanos e animais entre poder e humilhação na Amazônia Paraense*. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 46, n. 3, p. 167–186, 2023. DOI: 10.4000/aa.8913. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/47814>. Acesso em: 3 jan. 2025.

CHAVES, Kelson. **Os trabalhos de amor e outras mandingas: a experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda**. Orientador: Prof. Dr. Luiz Assunção, 2010. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

LUCA, Taíssa; SENA, Fábio. *As magias de amor: das notícias aos sortilégios realizados nos terreiros de Belém*. **Caminhos - Revista de ciências da religião**, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8659>. Acesso em: 20 out. 2024.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Eficácia Simbólica”. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: Editora da UFPA, 1990.

SENA, Fábio. *A chama e as formas sagradas: Um estudo sobre a magia das velas afro religiosas em Belém/Pará*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, v. 7, p. 42-65, 2020.

SENA, Fábio. **Tudo o que meu amor desejar: um estudo sobre os trabalhos de magia de amor realizados nos terreiros em Belém/PA**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

Fontes

Impressos:

DIÁRIO DO PARÁ. Os Búzios respondem. Belém. p. 2, 28-29 set. 1986.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém, p. 2, 9 set. 1987.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém. p. 6, 1989.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém. p. D-2, 31 ago. 1988.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém. D-2, 21 jun. 1989.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém. p. D-2, 13 dez. 1989.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém. p. D-2, 11 jan. 1990.

DIÁRIO DO PARÁ. Os búzios respondem. Belém. p. D-2, 03 jan. 1990.

Depoimentos orais:

Entrevista com Pai Serginho de Oxóssi realizada em julho de 2024, Belém-Pa.